
ADOLESCÊNCIA E O DESPERTAR DO COMPLEXO DE ÉDIPUS

**ADOLESCENCE AND THE AWAKENING OF THE
OEDIPUS COMPLEX**

Jessica Pedrosa Mandelli¹

Rafael dos Reis Biazin²

RESUMO

Este artigo trata sobre o período da adolescência que é abordado como uma operação psíquica em que o sujeito se depara com a travessia de revivência ao Édipo. Travessia, pois o Complexo de Édipo já foi visitado anteriormente durante a infância, sendo assim uma volta ao passado, mas que, simultaneamente, carrega em si algo a ser inaugurado, sendo único a cada adolescente. Agora com um corpo transformado o desejo poderá tomar um novo percurso, além do seio familiar. Trata-se de uma semente de história que começou enquanto criança, mas, que poderá ser reescrita e revisada na adolescência, agora em nome próprio. Sendo a cena edípica a problemática central da teoria da psicanálise, pois, trata-se do momento crucial da construção do psiquismo do sujeito e da sexualidade humana. É a partir do Édipo que se origina a identidade sexual do homem e da mulher, e também origina nossos sofrimentos neuróticos.

129

Palavras-chave: Adolescência. Complexo de Édipo. Psicanálise.

ABSTRACT

This article is about the period of adolescence that is approached as a psychic operation in which the subject faces the crossing of reliving the Oedipus. Crossing, because the Oedipus complex has been visited previously during childhood, being thus a return to the past, which, on the other hand, simultaneously carries within itself something been inaugurated, being unique to each adolescent. Now with a transformed body the desire can take a new course, beyond the family environment. It is a seed of a history that began as a child, but can be rewritten and revised in adolescence, now in its own name. Since the Oedipal scene is the central problem of the theory of psychoanalysis, it is the crucial moment in the construction of the psyche of the subject and of human sexuality. It is from the Oedipus that the sexual identity of man and woman originates, and also originates their neurotic sufferings.

Keywords: Adolescence. Oedipus Complex. Psychoanalysis.

¹ Psicóloga, discente do curso de Especialização em Teoria Psicanalítica do Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL, Londrina – PR – Brasil. E-mail: jessicamandelli@hotmail.com.

² Orientador: Prof. Me. Rafael dos Reis Biazin.

INTRODUÇÃO

Embora adolescência não seja um conceito da Psicanálise Clássica, trata-se de um tema de suma importância para a práxis da mesma, pois seu percurso tem consequências fundamentais para o sujeito e para o laço social. Mesmo Freud não desenvolvendo estudos específicos sobre a adolescência em si, seus escritos sobre a sexualidade, desenvolvimento psicossocial e puberdade bordejaram essa temática, como é o caso do seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), onde aborda a puberdade e suas implicações.

Conforme Freud (1905), com a chegada da puberdade ocorrem mudanças que configuram e definem a vida sexual do indivíduo. Até antes da puberdade a pulsão sexual era predominantemente autoerótica, a partir de agora a pulsão se unifica majoritariamente na zona genital, perdendo assim a anarquia dos momentos anteriores em que predominava a constituição da polimorfia perversa. Assim,

Até ali, ela [a pulsão] atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas, que, independentemente de outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. (FREUD, 1905, p.196).

130

Na puberdade, o novo alvo sexual e o desenvolvimento sexual se constituem de forma muito diferentes de acordo com o sexo de cada indivíduo. O do homem é considerado mais compreensível e claro, já o da mulher é complexo e apresenta uma forma de involução. (FREUD, 1905).

Durante a puberdade ocorrem transformações físicas relevantes, como o crescimento da genitália externa e também o desenvolvimento interno do sistema reprodutor do ser humano, tornando-se agora possível a formação de um novo ser vivo. (FREUD, 1905).

Freud (1905) diz que é na puberdade que se torna nítida as diferenças entre os caracteres masculino e o feminino, influenciando decisivamente a configuração de cada ser humano.

Para o autor, a puberdade carrega consigo as fantasias que inicialmente tem como cenário a própria família, os pais, mas, à medida que desenrola esse cenário familiar, abre espaço a outras relações do sujeito com o mundo, assim, a superação

e a rejeição de fantasias incestuosas produz o mais importante e doloroso trabalho psíquico: o desligamento da autoridade dos pais. Tal desligamento produz a contradição tão importante para a evolução cultural, entre a nova e a antiga geração.

Em *Totem e Tabu* (1913), por exemplo, Freud irá desenvolver o mito da horda primitiva como o operador que coloca em cena a proibição do incesto e o estabelecimento da exogamia como configuração universal de toda e qualquer civilização.

Apesar do texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) tratar de uma referência clássica sobre a puberdade, Freud não finaliza essa temática, ele continua a desenvolvê-la durante toda sua produção teórica. De forma pontual, pode-se destacar que o termo puberdade usado por Freud compreende tanto as transformações de âmbito corporal como as transformações psíquicas que a acompanham. Dessa forma, traz uma noção articulada e de mútua interferência entre o físico e o psíquico. (VIOLA; VORCARO, 2015).

O DESPERTAR DO ÉDIPO E SUAS RESSONÂNCIAS

131

A temática que envolve a adolescência não cessou na teoria freudiana e permaneceu sendo levantada e estudada por autores posteriores.

Graña (1993) explica que a adolescência corresponde a um período complexo e importante no desenvolvimento do ser humano, pois é nessa fase que se busca definições e reassesuramentos. Os aspectos infantis ainda estão vivos no indivíduo e se confrontam com aspectos adultos que estão se estabelecendo, dessa forma o conflito é inevitável.

Graña (1993) discorre que na adolescência são trazidos à tona conteúdos antigos e reprimidos de natureza inconsciente, oriundos das fantasias sexuais infantis; tais conteúdos interferem decisivamente no desenrolar dessa fase e sua reativação causa no adolescente severa ansiedade, pois interrompe o sono de um Édipo adormecido.

Conforme Kusnetzoff (1982), o Complexo de Édipo pode ser lido como um conjunto de operações psíquicas em que se dá a organização central e alicerçadora da personalidade do ser humano. Tal complexo tem suma importância, pois, além de ser um módulo nuclear que estrutura o psiquismo, corresponde também, “no que se

refere à prática da psicanálise, como a referência conceitual primeira que outorga identidade a qualquer psicanalista”. (KUSNETZOFF, 1982, p.63).

Moreira (2004) explica que o conflito edípico constitui a problemática essencial da teoria da psicanálise, pois é o momento crucial da construção do psiquismo do sujeito e da sexualidade humana. Nasio (2007) discorre que é a partir do Édipo que se origina a identidade sexual do homem e da mulher, e também origina nossos sofrimentos neuróticos.

O Complexo de Édipo trata-se de um evento comum a todo ser humano, “a existência de desejos incestuosos na infância e os conflitos que originam é universal, embora possam aparecer com roupagens diferentes conforme a cultura”. (NASIO, 2007, p.61).

Nasio (2007) explica que o Édipo ocorre com todas as crianças, independente se estão inseridas numa família nuclear clássica, monoparental, homossexual ou até mesmo se for uma criança órfã, pois toda a criança, sem exceção, seja menino ou menina, são tomadas pelas pulsões eróticas e “nenhum adulto de seu círculo imediato pode evitar ser o alvo de suas pulsões ou tentar bloqueá-las” (NASIO, 2007, p.06).

Bleichmar (1984) explica que enquanto Freud propõe um Édipo voltado para a satisfação do impulso, Lacan a estrutura ao redor da satisfação do narcisismo.

De acordo, com o falo que vai circulando, outorgando a valorização máxima, pode se entender como se vão colocando os personagens distintos perante esse falo, cuja posse outorga uma determinada satisfação narcisista. (BLEICHMAR, 1984, p.24).

Dessa forma, Lacan coloca o Édipo dividido em três tempos lógicos. Para o psicanalista francês, o Édipo está presente na vida da criança desde seu nascimento. Sendo que no primeiro tempo o filho deseja ser tudo para a sua mãe, deseja ser o objeto de desejo da mesma, assim converte-se naquilo que a mãe deseja, dessa forma, o desejo da criança é o desejo do outro, pois deseja ser desejado pelo outro e toma esse desejo como seu. A criança se identifica com o objeto de desejo da mãe e acredita que é por ele que a mãe é feliz e completa. (BLEICHMAR, 1984).

Bleichmar (1984) explica que a mãe por ser incompleta, castrada e faltante, busca algo que a complete e simboliza isso no menino como falo, produzindo a equação criança-falo.

A criança e mãe no primeiro tempo edípico tornam-se uma unidade narcisista, onde cada um acredita na sua ilusão completar o outro, produzindo assim um narcisismo satisfeito. A mãe transforma o menino em falo, para se tornar a mãe fálica, completa. (BLEICHMAR, 1984).

Bleichmar (1984) discorre que no segundo tempo edípico de Lacan, o pai entra como um privador, privando o filho do objeto de seu desejo, deixando então de ser o falo da mãe, o menino percebe que a mãe prefere outro e não mais a ele, assim a criança supõe que esse outro tem algo que ele não possui. O pai priva também a mãe do seu objeto fálico.

Conforme Bleichmar (1984) a criança, nesse momento, acredita que o pai é o falo, pois o desejo da mãe é deslocado a ele, crendo então que o pai é alguém perfeito, o pai passa a ser aquilo que o menino não é mais: o falo, e este intervém na relação da mãe com o menino através da proibição do incesto.

133

Nesse momento, ocorre a castração simbólica, pois o menino deixa de ser o falo e conseqüentemente perde sua identificação com ele, a mãe por sua vez, perde o seu falo, quebrando então a unidade criança-falo mãe-fálica. (BLEICHMAR, 1984).

A castração simbólica é realizada pelo pai simbólico, que pode ser qualquer coisa ou pessoa que exerça a função da castração simbólica. A mãe perde a identificação com a lei omnímoda que exercia no primeiro tempo e a lei que proibi o incesto é instaurada, o pai simbólico é o promotor da lei. (BLEICHMAR, 1984).

Segundo Bleichmar (1984) outro termo importante no segundo tempo é o Nome-do-Pai, que se dá seguinte forma: “o pai, ao exercer a função de castração simbólica, produz na subjetividade do menino a substituição da lei omnímoda da mãe pela lei como instância exterior a qualquer personagem” (p.49). Assim, com o Nome-do-Pai, algo fica inscrito na lei e todos os personagens da trama edípica passam a agir de acordo com a representação desta.

Já no terceiro tempo edípico, fica claro que o pai não é o falo, diferente do que o menino acreditava no segundo tempo, a lei também não é mãe, tampouco o pai. O falo será entendido agora como algo que se pode ter ou não, mas não mais será visto como algo que se é, a lei por sua vez é percebida agora como “uma

instância em cuja representação um personagem pode agir, mas não o será. Logo no terceiro tempo do Édipo ficam instaurados a lei e o falo como instâncias que estão acima de qualquer personagem”. (BLEICHMAR, 1984, p.57).

Como a lei que proíbe o incesto é aceita, no terceiro tempo o pai passa a ser visto como permissivo aquele que possibilita, pois, se o sexo com a mãe é proibido, agora é permitido com qualquer outra pessoa. (BLEICHMAR, 1984).

Dessa forma, o Complexo de Édipo compõe a cena fantasmática do sujeito, onde a infância é o momento central para que sejam realizadas as posições dos elementos da cena: pai, mãe e filho.

Sabemos, ainda, que o sujeito infantil poderá vir a ter um lugar discursivo somente se ele se assujeitar ao campo do Outro parental. Por outro lado, sabemos que as mudanças no corpo advindas com a puberdade abalam a ordenação da estrutura edípica que foi construída pelo sujeito na infância na medida em que sua posição de sujeito na tríade da cena fantasmática deve, agora, incluir um significante de referência ao sexual (ao Outro sexo), dado que esse novo tempo de identificações estará marcado por uma nova imagem de corpo próprio, referida a uma posição sexual discursiva masculina ou feminina. (JARDIM, 2005, p.2).

134

A partir de como o Édipo se estrutura na infância será desencadeado o lugar do sujeito no discurso social. Sendo assim, quando revivido na adolescência aproximará o real do corpo à imagem do corpo próprio sexuado, alinhando sobre tal imagem um significante referenciado ao Outro sexo.

Nessa reordenação, aparecerá o impossível da relação sexual no lugar da falta fundamental do sujeito. Essa dimensão é logicamente possível ao sujeito depois de estabelecida uma diferenciação discursiva entre as posições masculina e feminina, diferenciação iniciada na infância pelo complexo de Édipo, mas só finalizada no tempo da adolescência, depois do enigma colocado pelo Outro sexo, o feminino. Colocar a estrutura familiar no centro das organizações sociais é também tomá-la como referência fundamental do sujeito. Isso implica pensar que a estrutura familiar questionará e será questionada pelo sujeito nos diferentes momentos lógicos da constituição subjetiva. Podemos conjecturar que as crises da adolescência interrogam justamente as bases da estrutura familiar que, outrora, deram contorno à sua própria constituição subjetiva. Assim, o desafio da adolescência como uma operação psíquica será a reconstrução da cena fantasmática que originou o complexo de Édipo na infância. Apesar da estrutura familiar ser o cenário do complexo edípico, sabemos que é para cada um que essa montagem mostrar-se-á, ou não, eficaz. Sob os efeitos da puberdade, o estilo de cada adolescente de reeditar a cena edípica da infância apontará não somente para o seu próprio sintoma, como também para uma forma de gozo. É desse modo que o mito familiar de cada sujeito falante fará a ligação entre o mito coletivo e o mito individual. (JARDIM, 2005, p.2).

A revivência do Édipo dialoga com uma volta ao passado e, simultaneamente, carrega em si algo a ser inaugurado, sendo único a cada adolescente.

Dessa forma, é possível entender que o Édipo reaparece após a infância na vida do sujeito, agora com um corpo transformado e o desejo poderá tomar um novo percurso, além do seio familiar. Trata-se de uma semente de história que começou enquanto criança, mas que deverá ser reescrita e revisada, agora em nome próprio. (DANTAS, 2002).

Tendo o sujeito se constituído nessa operação edípica e se submetido à ordem fálica, o adolescente agora ingressa no período de latência onde as pulsões encontram apaziguamento onde o real do corpo e do sexo estão silenciados, um período de descanso para, a seguir, ser retomada uma posição desse sujeito. (LO BIANCO; NICACIO, 2015).

Após a latência o sujeito é confrontado com o real das transformações do corpo e da irrupção do sexo, é quando ele vê sua sexualidade se cristalizar e então se encontra confrontado ao dever de assumir sua identidade sexual e, assim, suas escolhas de objeto. Pois, conforme explica Jardim (2005), com a perda da relação de objeto de amor na infância faz da adolescência um período que o sujeito se aperceberá que, com nenhum objeto da realidade será satisfeito completamente, justamente por não existir esse objeto que preenche “a falta de ser”. Sendo essa perda que lançará o adolescente na busca de novos objetos da realidade que produzam prazeres, mesmo sendo prazeres parciais, lançado assim o adolescente para fora do triângulo familiar e o inserindo no laço social. (JARDIM, 2005).

É exigido dele, agora, essa tomada de decisão conforme seu polo identificatório findado do complexo de Édipo. Essa tomada de decisão é vista como um dever ético em assumir seu lugar no desejo e na identificação sexual, se tratando, de uma injunção estrutural que é imposta ao sujeito uma decisão sobre o seu lugar no sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as transformações da adolescência, o sujeito se depara com a repetição de fases da infância. Uma repetição fundamental desse período é a

inaugurada pelo despertar do Complexo de Édipo. Essas repetições nunca se dão de forma igual e o que é particular à adolescência é a possibilidade de repetição do Édipo com a constituição do laço social, permitindo, assim, saídas identificatórias e escolhas sexuais para além do espaço familiar. Além disso, há agora a possibilidade de que essas escolhas sejam feitas em nome próprio. Com isso, pode-se pensar na importância em se escutar o adolescente e as repetições que traz em seu discurso e o adolescente que permanece e retorna na fala do adulto, compreendendo a reedição do complexo de Édipo também como estabelecimento de novos laços.

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, Hugo. **Introdução do estudo das perversões: a teoria do Édipo em Freud e Lacan.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

DANTAS, Nara Maria. **Adolescência e Psicanálise: uma possibilidade teórica.** 2002. 55 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2002. Disponível em: http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2006-12-21T133243Z-60/Publico/Nara%20Dantas.pdf. Acesso em: 14 out. 2018.

136

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.117-231. v. 7.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. (1913). In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.13-167. v. 13.

GRAÑA, Roberto (org). **Técnica Psicoterápica na adolescência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

JARDIM, G. Adolescência: do mito coletivo ao mito individual. **Imaginário**, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 35-46, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2005000200003 . Acesso em: 14 out. 2018.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à Psicopatologia Psicanalítica.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LO BIANCO, Anna Carolina.; NICACIO, Erinaldo. O Adolescente e o encontro com os impasses do sexual. **Cadernos de Psicanálise (CPRJ)**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 33, p. 71-84, jul./ dez. 2015. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno33_pdf/04_O%20adolescente%20e%20

o%20encontro%20com%20os%20impasses%20do%20sexual.pdf. Acesso em: 14 out. 2018.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p.219-227, ago. 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722004000200008>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000200008&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 14 out. 2018.

NASIO, Juan David. **Édipo o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; VORCARO, Ângela Maria Resende. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 62-70, abr. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420130037>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000100062&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2018.